

O PENSAMENTO E A PRÁTICA ESCOLAR DE JOSÉ VERÍSSIMO NO COLÉGIO AMERICANO (1884-1890)

*THE THINKING AND SCHOLASTIC PRACTICE OF JOSÉ
VERÍSSIMO IN THE COLÉGIO AMERICANO (1884-1890)*

Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França
Universidade do Estado do Pará - UEPA



Resumo

O trabalho analisa a organização didático-pedagógica do Colégio Americano, criado por José Veríssimo, na Província do Pará em 1884, tendo como referência de análise a sua obra *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano* de 1888. Nesta obra estão expressos os princípios educativos a serem postos em prática no Colégio Americano, princípios esses voltados a uma formação moral, intelectual e física. Esse colégio era um dos mais afamados estabelecimentos de ensino primário e secundário, para onde as famílias de posse da sociedade paraense encaminhavam seus filhos para serem educados. O trabalho pedagógico lá desenvolvido tinha por base a ciência positiva, de matriz positivista e evolucionista.

Palavras-chave: Educação Escolar. Método de Ensino. José Veríssimo.

Abstract

The work analyses the didactical and pedagogical organization of the Colégio Americano (American School), created by José Veríssimo, in the Province of Pará, on 1884, having as reference of analysis his work *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano* (General News about the Colégio Americano), from 1888. In this work lies expressed the educational principles to be put into practice in the Colégio Americano, principles which were directed to the moral, intellectual and physical development. This school was one of the most renowned establishments of primary and secondary instruction, to where the wealthy families of Pará sent their children to be educated. The pedagogical work developed therein was based on positive science, with origins in Positivism and Evolutionism.

Keywords: School Education. Teaching Method. José Veríssimo.

Introdução

O artigo analisa a organização didático-pedagógica do Colégio Americano, criado e dirigido por José Veríssimo Dias de Matos, em Belém do Pará, no período de 1884 a 1890, tendo como referência de análise a obra *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano*, publicada nesta cidade em 1888.

Esta obra é composta por uma coletânea de discursos, programas de estudos e estatutos, nos quais estão expressos os princípios educativos a serem postos em prática por José Veríssimo no Colégio Americano. Busca-se, na documentação reunida nesta obra, elucidar a finalidade educativa do Colégio Americano, seus programas de estudos e métodos de ensino

José Veríssimo Dias de Mattos, historiador, jornalista, escritor, crítico literário e educacional, professor e educador, nasceu em Óbidos na Província do Grão Pará em 8 de abril de 1857 e faleceu no Rio de Janeiro em 1916. Representante de uma elite culta, que acreditava que poderia ilustrar o país, iluminá-lo pela ciência e pela cultura, lançou mão dos mais variados mecanismos e mediações para demarcar as suas convicções político-sociais e o desejo manifesto de participar das mudanças do país.

A convicção de José Veríssimo de que a educação escolarizada poderia contribuir para melhorar os homens e ajudar o país a superar o atraso cultural foi uma constante nos seus escritos literários e pedagógicos. A criação do Colégio Americano (1884) na Província do Pará pode ser considerada uma das expressões mais significativas dessa convicção.

José Veríssimo, discorrendo sobre a decisão por ele tomada de fundar um colégio na capital da Província do Grão Pará em meados de 1883, ressalta que esta foi marcada por receios, hesitações, desconfianças e perplexidades, julgando que um empreendimento dessa natureza requeria um homem mais maduro do que ele, que “além de outra autoridade tivesse a dos anos e que pudesse ser em toda a sua plenitude como o que o representante dos pais que lhe confiassem seus filhos a educar” (VERÍSSIMO, 1888, p.20). Diante das hesitações, foi tomada a decisão de fundar definitivamente um colégio na província para educar a mocidade paraense.

José Veríssimo não discute nos seus escritos o porquê da escolha do nome Colégio Americano,

mas expressa com veemência que o colégio que acabara de criar era uma casa de instrução e educação e não uma empresa mercantil, demarcando a sua identidade no cenário educacional paraense.

Em 7 de janeiro de 1884, José Veríssimo instala o Colégio Americano no prédio do Dr. Cruz, na Estrada de São Jerônimo. Contava José Veríssimo na Vice-Direção do Colégio, naquela época, com o Sr. Justus Nelson, pastor protestante, que em decorrência de divergências de opiniões quanto ao trabalho pedagógico desenvolvido no colégio, deixou de fazer parte da direção desse estabelecimento de ensino em 15/01/1884. A convite de José Veríssimo, Rodrigo Sales assume a Vice-Direção do colégio. Em 11/08/1887, o Colégio Americano passou a funcionar no palacete do Sr. Bento Rabelo de Andrade, na Estrada de Nazaré, nº 49. O edifício do colégio situado em um dos bairros mais nobres da capital paraense possuía mais de 1000 metros quadrados de quintal sombreado para o recreio das crianças e jovens que lá estudavam.



Imagem 01. Colégio Americano

Fonte: Notícia Geral Sobre o Colégio Americano (1888)

O Colégio Americano, criado com a finalidade de proporcionar à juventude paraense instrução e educação de acordo com os ensinamentos da pedagogia moderna, admitia alunos internos, semi-internos, externos e alunas externas. Não eram admitidos no colégio alunos externos e semi-internos com menos de 6 anos de idade e mais de 16; nem internos com menos de 7 e mais de 12 anos.

O colégio oferecia dois cursos: primário e secundário. O primeiro deles, organizado em quatro classes, compreendia os seguintes ensinamentos: Leitura e Escrita; Língua Portuguesa (leitura corrente, comentada e expressiva, ortografia, exercícios de prosódia e recitação, composição, gramática, análise gramatical e lógica);

Cálculo e Aritmética; Geografia e História Geral; Corografia da Amazônia; Geometria Prática e Desenho Linear.

O curso secundário, estruturado em quatro séries, destinava-se a preparação dos alunos para o ingresso nos cursos superiores do Império. Este curso compreendia as seguintes matérias: Português, Latim, Francês, Inglês, Aritmética, Geografia e Corografia do Brasil, História do Brasil, História Universal, Filosofia, Literatura, Música, Ginástica e Exercícios Militares

Além desses níveis de ensino, José Veríssimo anexa ao Colégio Americano, em 1884, um Jardim de Infância que, sob a direção de uma professora educada na Alemanha, passava a atender meninos e meninas de 3 a 6 anos. O Jardim de Infância do Colégio funcionou apenas três meses.

Saberes e Práticas do Colégio Americano

No discurso proferido aos pais dos alunos por ocasião da festa de inauguração do Colégio Americano, em 23 de março de 1884, José Veríssimo expõe em detalhes os princípios educativos a serem postos em prática no Colégio Americano, destacando que a suprema inspiradora do colégio que acabará de criar era a ciência. A educação moderna, dizia ele, a única que pretendia oferecer no colégio, assentava-se nas opiniões dos intelectuais Charles Robim, Alexandre Bain e Herbert Spencer.

Instrução é, segundo Ch. Robin, a aquisição de noções novas acerca do homem, dos objetos e dos fenômenos que o cercam, tanto inorgânicos e orgânicos como sociais encarados no espaço e no tempo; e a educação, consoante ao pensar do mesmo autor, o estudo das relações dos caracteres particulares de cada espécie do corpo entre si e com os seres vivos, para a dedução das leis de relação que nos indicarão os nossos deveres conosco mesmos, com os outros e com quantos objetos nos cercam. Juntas como não podem sem grave detrimento de ambas e da sociedade deixar de estar, devem tender, segundo o conceito da filosofia da qual é um dos mais notáveis corifeus o citado escritor, a fazer-nos tirar o melhor possível das nossas faculdades, movendo-as a produzir também o mais possível, socialmente falando.

Para um dos espíritos mais poderosos deste século, o eminente filósofo inglês Herbert Spencer, a educação e sob este título ele compreende também a instrução - tem por fim preparar-nos para a vida completa, como se expressa ele, pelo estudo dos principais gêneros de atividade que constituem a vida humana; atividade que ele classifica assim: 1º a que tem por fim direto a conservação do indivíduo, 2º a que, provendo às necessidades de sua existência, contribui indiretamente para a sua conservação, 3º aquela cujo objetivo é a manutenção e educação da família, 4º a que assegura a conservação da ordem social e política, 5º finalmente, a atividade de gênero variado empregada a preencher os ócios da existência pela satisfação dos gostos e sentimentos.

O ilustre pensador Alexandre Bain, cuja obra *A ciência da educação* é, a meu ver, o melhor tratado existente de pedagogia, não define precisamente o que é educação, mas do seu contexto se depreende que para ele é a formação para melhor das faculdades intelectuais e morais do homem, guiada por um estudo profundo, que ninguém melhor do que esse eminente psicologista estava no caso de fazer, da fisiologia e da psicologia da criança (VERÍSSIMO, 1888, p.8-9)

Os intelectuais que serviram de base para o delineamento das ações educativas postas em prática por José Veríssimo no colégio eram aqueles que, no mundo europeu do século XIX, se voltaram à crítica do modelo educacional ainda imperante, que privilegiava a educação clássica em detrimento da científica, e propunham um sistema escolar que se adequasse às novas exigências da sociedade da época, industrial, comercial e científica.

A máxima da escola, de que era preciso crer e não fazer perguntas, priorizando a verbalização do mestre e as verdades absolutas, já não poderia mais ser sustentada. A ciência e o pensamento científico deveriam substituir as práticas tradicionais, presas ao estudo do sobrenatural. Romper com essas práticas e com programas educativos desprovidos de qualquer função científica e utilitarista pareciam ser a preocupação de grande parte da intelectualidade europeia

José Veríssimo, adepto desses valores, dei-

xa entrever em várias passagens do seu discurso que pretendia introduzir no colégio um ensino de base científica, e outras formas de aprender e ensinar que tornassem o aprendizado mais atraente e favorecessem a compreensão ao invés da mera decoração das lições.

O método intuitivo era o meio sobre o qual se assentaria o desenvolvimento do ensino científico propalado por José Veríssimo. Diz ele:

Como auxiliar indispensável do ensino segundo o método intuitivo fiz aquisição do material que vistes e examinastes, ainda incompleto sem dúvida, mas porventura o mais completo que se encontra na província. A utilidade desses objetos é patente; não vejo necessidade, pois, de demorar-me a demonstrá-lo. Em resumo, direi que facilita extraordinariamente o trabalho do professor e o do aluno, ao qual dá sempre idéias mais claras do que o poderiam fazer as mais hábeis explicações daquele.

Alguns desses objetos foram premiados na Exposição pedagógica do Rio de Janeiro (Idem, p.12-13).

É importante lembrar que o método intuitivo aparecera pela primeira vez no ensino primário brasileiro na Reforma empreendida por Carlos Leôncio de Carvalho em 1879. A preocupação em preparar os professores primários para trabalharem com um ensino dessa natureza era tanta que se chegou até a introduzir, na parte relativa à reforma do ensino das escolas normais, a disciplina “Prática do ensino intuitivo ou lições de coisas” (CARTOLLANO, 1994, p.165-166).

O ensino das coisas deveria partir da experiência, do concreto e do contato direto com os objetos do conhecimento. A cultura dos sentidos, como era conhecida, valorizava todo o conhecimento que se obtinha por meio das coisas sensíveis e da apreensão primeira do mundo exterior, contrapondo-se à forma convencional, até então em voga, de se ensinar com base na verbalização e nas verdades absolutas. Essa tendência a trabalhar com as coisas podia ser apreendida, por exemplo, na aquisição de materiais didáticos, muitos dos quais encomendados da Europa, na utilização de mapas, globos e atlas, na instalação de laboratórios apropriados, de recursos retirados da própria natureza, das caminhadas ao ar livre etc. Todo um arcabouço pedagógico devia ser montado para aguçar a curiosidade das crianças.

As considerações de José Veríssimo sobre a facilidade que tinham as crianças de 7 a 10 anos de compreenderem mais a astronomia, a física, a química, a biologia e a matemática do que a gramática devia-se principalmente ao fato de que a linguagem deve ser adquirida através do uso que se faz dela e não mediante um ensino gramatical preso a regras, a princípios e à memorização, que ao invés de gerar interesse gerava aversão.

Compartilhando das mesmas ideias de Bain e de Herbert Spencer, José Veríssimo defendia que a gramática só deveria ser ensinada a maiores de dez anos. Ocupar a mente das crianças antes dessa idade com coisas incompreensíveis, como era o caso da gramática, contribuía para tornar o seu aprendizado desagradável. Os trechos seguintes elucidam essa questão:

E sinto-me sinceramente, senhores, porque é mil vezes mais fácil, com o auxílio do material apropriado ensinar uma criança de 7 a 10 anos a astronomia, a física, a química, a biologia, do que fazê-la compreender o que é substantivo. Esta observação que eu lera algures, julgando-a um pouco paradoxal, confirmou-me a pouco tempo de prática de lidar com crianças a quem me foi sempre mais custoso fazer compreender a explicação de um fato natural do domínio de uma daquelas ciências do que a regra mais simples da gramática de todas as disciplinas a mais inútil e a mais odiosa as crianças, segundo reconhecem os mais notáveis pedagogistas contemporâneos.

Procurei mesmo introduzindo um método novo no ensino da gramática, proceder experimentalmente, partindo do fato lingüístico para a dedução da regra, sem obter os resultados que esperava, levando-me este insucesso a compreender a justeza da condenação dessa disciplina dada a crianças de menos de 12 anos, por pensadores do valor de Bain, de Spencer, de Mismser e do notável pedagogo argentino Berra.

Não creio, diz terminantemente Bain, que de nenhuma forma a gramática possa ser para o espírito um meio de disciplina científica ou lógica.

É fácil embora cruel, fazer os pobres meninos decorarem páginas e páginas

de gramática, conforme o condenável sistema seguido. Entre esses meninos que vedes alguns há que repetirão sem falta de uma palavra a sua gramática de Pinto Marques que aprenderão algures, mas que, no entanto, serão incapazes de reconhecer no trecho lido as diferentes partes do discurso, a incorreção de uma frase e que falam e escrevem incorretamente. Ora, desde que a gramática não serve para fazer-nos falar e escrever corretamente, melhor é bani-la dentre as matérias que devemos aprender (VERÍSSIMO, 1888, p. 9-10).

O ensino de gramática, posto em prática por José Veríssimo nas primeiras classes do ensino primário, objetivava suscitar o interesse das crianças em aprender a falar e a escrever corretamente. As atividades pedagógicas adotadas nessas classes buscavam incentivar os alunos a pronunciarem corretamente as palavras, a compreenderem os significados das palavras e das frases, assim como a realizar exercícios ortográficos para que pudessem escrever corretamente. Eis a sua proposição:

Resolvi pois – e tenho a satisfação de anunciá-lo aos meus alunos da segunda classe do curso primário – abolir desde o trimestre vindouro o estudo da gramática que apenas começara a ser estudada e isto mesmo homeopaticamente e do modo mais pratico possível, pelos alunos da terceira classe do mesmo curso, todos em geral maiores de dez anos.

Na primeira e segunda classe, os exercícios de prosódia com a explicação da significação de cada palavra e de cada frase, e os exercícios de ortografia, com a exposição sucinta de algumas poucas regras, substituirão com incalculável vantagens o deprimente ensino da gramática decorada.

A leitura em voz alta continuará a merecer particular cuidado convencido que estou, com todos os educadores americanos, e com o sr. Legouvé, que pôs em moda em França o ensino da leitura, da sua importância e utilidade (Idem, p.10-11).

A crítica de José Veríssimo ao estudo da gramática incidia particularmente sobre o sistema até então em voga, de se ensinar essa matéria

tão somente através dos livros, privilegiando as regras e a memorização em detrimento de um aprendizado espontâneo, prático, atrativo e útil. Convém ressaltar que o autor não se contrapunha ao uso dos livros, mas à forma como eram trabalhados nas escolas. Veículos, na maioria das vezes, de conceitos já prontos, não permitiam que as crianças elaborassem suas próprias ideias sobre um determinado assunto. Os livros assumiriam, em sua proposta, apenas uma função complementar ao ensino, quando não fosse possível lançar mão de outros meios que pudessem tornar o aprendizado agradável.

Como podemos observar, muitos dos princípios defendidos por José Veríssimo para o Colégio Americano foram extraídos principalmente de teóricos europeus, preocupados em adequar a escola às exigências socioeconômicas ditadas pela nova ordem mundial. As ideias pedagógicas de Herbert Spencer, por exemplo, foram retomadas e sedimentadas pelo autor em suas realizações naquela instituição de ensino.

Mas, o que propunha no campo educacional o teórico inglês inspirador? Não temos a intenção de ampliar a discussão, mas trazer para a análise algumas questões tratadas por ele, e que serviram de base para as reflexões empreendidas por José Veríssimo.

Segundo Spencer (1901), a convicção, ainda predominante entre alguns educadores e pais de alunos, de que a educação se limitava às informações que se poderiam retirar dos livros fez com que muitos deles colocassem nas mãos das crianças determinados conhecimentos que elas ainda não tinham condições de compreender, como, por exemplo, o alfabeto. Os livros assumem, nesse cenário, uma função suplementar, isto é, um meio indireto que se lança mão para a aquisição de informações, quando não se tem disponíveis os meios diretos que possam auxiliar no aprendizado das crianças.

Para esse intelectual, os professores, não percebendo o valor da educação espontânea nesses primeiros anos de vida escolar, acabam por aniquilá-la e combatê-la, insistindo em ocupar a mente das crianças com coisas insignificantes e incompreensíveis, que não suscitam a sua curiosidade para o ato de aprender, tornando esse ato desagradável e repugnante aos olhos das crianças. Somente se deveriam trabalhar novas fontes de ciências pelos livros quando se estivessem esgotados todos os meios que pudessem ser ad-

quiridos pela vida de casa, das ruas, dos campos. Isso se deve ao fato de ser a instrução imediata mais importante do que a mediata. Além do mais, as palavras presentes nos livros só podem ser interpretadas na medida em que se estabeleça uma conexão com as ideias já adquiridas anteriormente pela experiência das coisas.

De acordo com Spencer, a instrução formal começava muito cedo, sem levar em conta o grau de desenvolvimento das crianças. Se o progresso intelectual deveria partir necessariamente do concreto para o abstrato, ignorar esse princípio significava conter o seu próprio avanço. O desconhecimento desse princípio, por parte dos professores, refletia-se na insistência em ensinar as crianças coisas abstratas, que ainda não tinham condições de compreender, como era o caso da gramática, que só deveria ser objeto de estudos anos mais tarde. A preocupação em colocar em primeiro plano as definições, as regras, assim como os princípios, sem levar em consideração a ordem natural de crescimento e desenvolvimento das crianças, contribuía para tornar o seu aprendizado cansativo e desagradável, transformando-as em meras repetidoras das ideias dos outros, sem elaborar suas próprias ideias. Uma educação que sobrecarrega a mente das crianças com coisas inúteis dificilmente permitiria que elas se desenvolvessem plenamente. Assim, repetir as palavras de forma correta deveria ceder lugar à compreensão de seus significados.

Para Spencer, o ensino rotineiro, que supervalorizava a memorização, foi sendo substituído pelas lições orais realizadas nos campos, e nas ruas; enfim, em locais apropriados, onde as crianças pudessem expandir sua curiosidade. Por outro lado, o ensino por regras foi dando lugar ao ensino por princípios, que consistia em deixar as generalizações para os momentos em que as crianças se encontrassem aptas para formulá-las. Os estudos deveriam ser desenvolvidos com base na observação e na experimentação das coisas, isto é, uma educação voltada para as “lições das coisas”.

Segundo Spencer, o ensino dos rudimentos das ciências devia partir do concreto, ao invés de ser feito abstratamente. Apresentado às crianças de forma atraente, tornaria o seu aprendizado agradável; aprender com prazer e espontaneamente contribuía por tornar os estudos ligados à ciência instigante e interessante para as crianças. Anos mais tarde, uma vez interrompida a superintendência exercida pelos professores, os estudos

aí iniciados continuariam a ser realizados sem a interferência direta dos mestres. Homens que na mocidade tenham entrado em contato com a ciência através de árduas tarefas, com ameaças de castigos e que não foram incentivados a adquirir o hábito de estudar por si mesmos, dificilmente se entregariam na idade adulta a estudos dessa natureza, enquanto aqueles que a receberam de forma natural e no tempo apropriado estariam mais dispostos a dar continuidade, por toda a vida, à instrução espontânea começada na juventude.

Dessa maneira, ressaltava Spencer, que a educação que mais convinha e que deveria ser oferecida às crianças era aquela que as preparava para a vida e que as tornava autônomas para realizar suas próprias pesquisas. Cabia ao professor, nesse processo, ensiná-las o menos possível e predispô-las a buscar e a descobrir por si mesmas os novos conhecimentos.

José Veríssimo, comungando desses valores, defende em muitas passagens dos discursos proferidos aos pais dos alunos e aos professores, a necessidade de superar o sistema de estudos ainda predominante no curso primário que privilegiava a memória em detrimento da compreensão. A favor de um ensino atrativo, agradável e fundado na experiência, que despertasse nas crianças de mais tenra idade o interesse pelas letras e pelas ciências, delineou um conjunto de ações que deveriam tornar o aprendizado o mais concreto e prático possível.

No Colégio Americano, as atividades propostas para o ensino da História e da Geografia do Brasil e da Matemática, por exemplo, caminhavam nessa direção.

Em uma casa brasileira de educação, o ensino da história do Brasil deve ocupar um lugar distinto. Temos feito com regularidade, mas sem grande proveito para os meninos da segunda classe primária, a quem o trabalho de decorar tirava toda a vontade de compreender e explicar por palavras suas, como queria, os fatos que aliás relatavam com toda exatidão. No novo programa, vereis que esse sistema é substituído pela leitura da lição e comentários, nos quais os alunos serão dirigidos pela professora a cujo cargo estão e a cujos esforços e boa vontade devo aqui render plena justiça.

Contrariamente à autorizada opinião de Bain, penso que o ensino da geografia

pode, sem inconveniente, ser começado cedo, desde que, como temos feito deixemos de lado as definições áridas e façamos estudar mais pelos mapas, globos e atlas do que pelos livros. O certo é que lisongeiemo-nos de haver obtido, sem grande esforço, notáveis resultados no ensino da geografia do Brasil a meninos de 8 a 10 anos.

A matemática que é sem dúvida a mais importante das disciplinas pedagógicas, e que deve ser a base de toda a educação intelectual, por isso que o é de todos os conhecimentos humanos, começa ao mesmo tempo que a leitura, com o estudo da numeração e de suas leis gerais e para as duas primeiras classes feita de modo inteiramente prático e com o auxílio dos aparelhos que vistes.

Todas as classes estudam também geometria prática aprendendo-a, como tenho reconhecido nas poucas lições dadas, mais facilmente do que aprendiam a gramática, a história e a mesma geografia, o que prova – e aqui volto de novo ao assunto do qual desviou-me esta longa explicação – a maior facilidade do ensino da ciência.

Já vos disse porque não me é possível este ano reformar completamente o sistema seguido de ensino primário entre nós, no que encontraria quiçá a oposição de alguns pais demasiados imbuídos dos preconceitos da educação literária; entretanto, tenho-o organizado, quanto me é possível já no sentido de uma direção, senão rigorosamente científica, como o quizerá, pelo menos lógica, e vos prometo que logo que o possa o mudarei totalmente com inapreciável vantagens para a nossa mocidade atrofiada por um regime deprimente de matérias muitas vezes inúteis aprendidas broncamente de cor (VERÍSSIMO, 1888, p. 11-12).

Outro aspecto discutido por José Veríssimo no Colégio Americano, dizia respeito à educação moral. Partindo do princípio de que as crianças eram portadoras de traços psicológicos bons ou maus, herdados de seus ancestrais ou adquiridos no próprio ambiente familiar, conclamava os pais dos alunos a participarem efetivamente da educação escolar de seus filhos, com vistas a modificarem os “maus instintos”. Orientar essa formação

para o cultivo de comportamentos desejáveis parecia ser uma preocupação dominante. Vejamos:

As crianças – a quem o digo eu - não são nem em geral boas, nem em geral más. Como todos os seres orgânicos elas podem trazer pela iniludível lei da hereditariedade psicológica os germens do mal e do bem, conforme foram bons ou maus os seus progenitores próximos e remotos de quem herdaram as qualidades físicas. É cruel, talvez, que assim seja, mas é verdade, a lei a cada passo verificável e verificada.

Assim é que numa mesma família, acham-se irmãos de caracteres morais diametralmente opostos, tendo uns “sadios”, conforme é costume dizer, a uns parentes, outros a outros. Quando o menino que temos sob os nossos cuidados é naturalmente bom, dócil, de boa índole e caráter, a tarefa do educador, limitando-se a dirigi-lo convenientemente, é relativamente fácil; quando porém é o contrário, o produto de maus instintos acumulados nos seus ascendentes ou num só de quem os herdou, essa tarefa torna-se espinhosíssima.

Mas é justamente neste caso que a educação é chamada a intervir, não como remédio infalível, mas, muitas vezes como poderoso modificador. Atualmente estamos muito longe das utopias pedagógicas de Rousseau e sua escola, para os quais a educação era uma panacéia efficacíssima; os modernos educadores ao contrário, esclarecidos pelas descobertas da psico-fisiologia, reconhecem-na impotente para melhorar certos indivíduos.

É justamente quando se trata de aplicá-la como tal, que tornasse árduo e melindroso o trabalho do educador, que permitem a comparação que é justa, se acha muitas vezes no caso do médico encarregado de debelar um fato patológico cujas antecedentes desconhece; é aí que o problema se complica e dificulta principalmente quando o educador compreende a responsabilidade terrível que assumiu para com os pais e para com a sociedade aceitando a incumbência da educação de uma criança (Idem, p.13-14).

José Veríssimo, convencido de que uma emprei-

tada dessa natureza só teria êxito se os pais assumissem junto com a escola a formação dos alunos, lança mão de algumas considerações do pedagogo francês Gréard para mostrar que as famílias só tinham a ganhar se participassem da educação de seus filhos. Fortalecer os laços entre família e escola parecia ser o melhor caminho para controlar e disciplinar os “maus instintos” e fazer florescer os “bons”. Os trechos abaixo esclarecem essa questão:

Não, há, diz ele em um artigo sobre os deveres da família na educação, não há mal sistema da educação que se não melhore com a intervenção da família, nem bom que não haja a ganhar com ela. Uma das molas do governo interior dos colégios, qual o descreve Rollin, é a participação dos pais em tudo quanto interessa ao desenvolvimento moral da criança. J. J. Rousseau não é menos exigente. Não admite e que o pai invoque os impedimentos ou as preocupações dos negócios, das funções ou obrigações. O seu primeiro dever não é ser pai?

A educação pública não pode dar frutos senão sob a condição de que a família a prepare, a sustente e a complete. A mais funesta das condutas, continua Gréard, a respeito de uma criança é a carência de conduta, entregar-se à inspiração de momentos, nada tomar a sério, defeitos ou qualidades, exaltar umas, fechar os olhos a outro ou divertir-se com eles dizendo: Ora, o colégio o ensinará. Como se os afazeres do colégio lhe deixassem tempo de ocupar-se de tudo aquilo de que não curam as famílias

Que ensejo para pais perspicazes nestas confidências exuberantes! Que ocasião de penetrar as transformações que se preparam no caráter do menino, de conhecer o meio em que se desenvolve, de assinalar-lhe as escolhas, de garantir contra o atrativo das impressões comuns de dar-lhe as razões das severidades ou das indulgências que ele não compreendeu, de fortificar no seu coração o sentimento da confiança e do respeito, de fazê-lo compreender-se a si mesmo, de modo que tire dos seus discursos a lição que eles contêm! Que falta, ao contrário, se em lugar de provocar-lhe as confidências, repelem-no ou se, o que é mais grave, não

escutam senão para associarem-se pelo riso ou por em silêncio culpável a um mal sentimento do qual ele próprio não dá fé, se deixam extinguir-se nele esse foco de generosidade que é o tesouro da mocidade, se o constem despojar o mestre, quem quer que ele seja, do prestígio moral inexplorável da autoridade! (GRÉARD apud VERÍSSIMO, 1888, p. 14-15)

Mas o que seriam, para José Veríssimo, instintos “bons” ou “maus”? O autor não chega a definir claramente os tipos de comportamento e nem os valores morais socialmente aceitos; contudo, é possível extrair de seu pensamento que a educação moral deveria se fazer presente em todo o trabalho pedagógico do Colégio, cultivando as boas maneiras, como o amor ao dever, o respeito à hierarquia, à lealdade, à generosidade, à dignidade, o amor à pátria etc. Como podemos observar, é uma educação moral que valoriza a boa conduta e a obediência, e que se volta para a manutenção do consenso social.

Em vista disso, pergunta-se: Quais os meios disciplinares utilizados por José Veríssimo para manter a ordem no Colégio? O próprio autor nos dá conta de que nada mais eram do que a emulação, a censura, o elogio, a repreensão, a prisão, os castigos escritos e a privação do recreio e da comida. Apesar da privação da comida aparecer, à primeira vista, aos pais dos alunos como um procedimento rigoroso, que poderia colocar em risco a saúde dos alunos, enfatizava o autor que preferiria mil vezes esse tipo de privação do que a pancada. Justificando a adoção desse tipo de repreensão, cita o pensador Alexandre Bain que assim se manifesta sobre a privação da comida: “Punir uma criança tirando-lhe, uma vez por acaso, uma das três ou quatro comidas do dia, não apresenta o menor inconveniente sob o ponto de vista da saúde, e pode produzir nela uma impressão salutar” (BAIN apud VERÍSSIMO, 1888, p. 16-17).

Apesar de o autor se colocar favorável à implantação de uma disciplina escolar que fosse ao mesmo tempo rigorosa e amável, que procurasse atuar mais pela ternura do que pela força ou pelo abuso do poder, os meios disciplinares por ele delineados para o colégio estavam carregados de ações punitivas. Disciplinar e controlar eram as palavras de ordem a serem seguidas por todos aqueles envolvidos na formação das crianças.

Esse controle rígido de comportamento pode ser visualizado no trecho abaixo:

Além da formação do caráter, desenvolvimento dos instintos altruístas, severa regulamentação dos costumes, tudo o que, em suma, constitui a educação moral, que é objeto da maior solicitude por parte da Diretoria, as boas maneiras, a civilidade, são também assunto de especial cuidado, esforçando-se o Colégio para que um alto sentimento de dignidade, de honra, de delicadeza, de sinceridade presida todas as relações do aluno, quer com seus mestres, quer com seus condiscípulos.

O regime interno, forçosamente severo, por isso que em busca de todos, cumpre conseguir ordem e disciplina, de dezenas de meninos de educação, caráter, e hábitos diferentes.

O Colégio exige a submissão mais absoluta às regras estabelecidas para a manutenção da ordem e disciplina indispensá-

veis numa casa de educação.

Por uma constante e multiplicada vigilância, e uma série de medidas tendentes a evitar as ocasiões de faltas, o Colégio espera poder abolir completamente, o que é talvez impossível, as punições (VERÍSSIMO, 1888, p. 51-52).

De uma maneira geral, a disciplina escolar proposta no colégio visava, antes de tudo, manter a ordem e a disciplina. Aos violadores das normas estabelecidas eram imputados severos castigos, que deveriam servir de exemplos para os demais; tudo em nome da ordem, da obediência, da submissão e dos bons costumes. Tratava-se de disciplinar as mentes, reorganizar as atitudes e os gestos, para a manutenção da ordem social.

Nessa mesma direção, foi instituído o tempo escolar com a finalidade de dirigir e controlar. Esse tempo de trabalho e de lazer era assim planejado por José Veríssimo:

5 h.....	<i>Despertar</i>
5 h. - 6 h.30	<i>Levantar, banho e vestir</i>
6 h.30 - 7 h.....	<i>Primeira refeição: café, chá ou mate com pão.</i>
7 h. - 7 h.15.....	<i>Recreio</i>
7 h.15 - 8 h.....	<i>Aula</i>
8 h. - 8 h.15.....	<i>Recreio</i>
8 h.15 - 9 h.....	<i>Aula e Estudo</i>
9 h. - 9 h.15	<i>Recreio</i>
9 h.15 - 10 h.....	<i>Aula e Estudo</i>
10 h. - 10 h.15.....	<i>Recreio</i>
10 h.15 - 11 h.	<i>Aula e Estudo</i>
11 h. - 11 h.45.....	<i>Segunda refeição: Almoço: 2 pratos de carne, arroz, legumes, pão, chá ou mate e pão com manteiga - Saída para os externos.</i>
11 h.45 - 12 h.45	<i>Recreio</i>
12 h.15 - 13 h.....	<i>Estudo</i>
13 h. - 13 h.45.....	<i>Entrada dos Externos - Aula e Estudo</i>
13 h.45 - 14 h.....	<i>Recreio</i>
14 h. - 14 h.:45	<i>Aula e Estudo</i>
14 h.45 - 15 h.	<i>Recreio</i>
15 h. - 15 h.:45.....	<i>Aula e Estudo</i>
15 h.45 - 16 h.:30.....	<i>Trabalhos fora do programa de estudos, como classes de música e outras, exercícios militares, ou recreio - Saída dos Externos e Meio Pensionistas.</i>
16 h.30 - 17 h.15.....	<i>Terceira refeição: Jantar: sopa, dois pratos de carne e arroz, pão, legumes, sobremesa.</i>
17 h.15 - 18 h.:30.....	<i>Recreio</i>
18 h.30 - 20 h.....	<i>Estudo</i>
20 h. - 20 h.:30.....	<i>Quarta refeição: chá e recreio</i>
20 h.30	<i>Deitar.</i>

(VERÍSSIMO, 1888, p.58-59)

Como podemos verificar, previa-se minuciosamente o tempo destinado ao sono, às refeições, às recreações e ao trabalho intelectual. O controle instituído visava a disciplinar o corpo para atender ao pleno desenvolvimento das atividades escolares, assim como incutir nas crianças o sentimento utilitarista de não se perder tempo, visto que desperdício de tempo equivaleria a desperdício de forças. Essa era uma racionalidade que se coadunava com a nova ordem econômica capitalista, da disciplina e da produtividade.

Nesse processo de valorização da disciplina, do tempo e da ordem, em que se fundamentava a educação escolar das elites, ministrada pelos colégios, ganhava espaço a Educação Física, na medida em que o físico disciplinado se colocava como condição necessária e indispensável para a consolidação da nova ordem socioeconômica. Disciplinar o físico representava, entre outras coisas, disciplinar o espírito e a moral, para a manutenção de uma sociedade da ordem (SOARES, 2001).

Esse caráter disciplinador e moralizador da educação física permeou as reflexões apresentadas por José Veríssimo durante a festa de educação física do colégio no ano de 1886. Somavam-se ainda as preocupações de natureza higienista e eugênicas. O próprio autor chama a atenção para o fato de essa educação ser tão importante quanto à educação moral e intelectual, visto que dela dependeria o futuro da família, da pátria e da humanidade. Ministrada em aulas regulares de ginástica, sob a direção de um professor habilitado e de exercícios militares dirigidos por um oficial do exército, jogos diversos como a barra, o piquete, o salto carneiro e as longas caminhadas compunham seu programa de estudos. Para ele:

Não há, pois, senão razões de prezarmos a ginástica, como um meio da educação física, se quisermos dotar a nossa pátria de cidadãos não só instruídos e moralizados, mas sãos, principalmente se forem seguidos nesse ensino os preceitos da pedagogia de mãos dadas com a higiene.

Estes sábios conselhos, reunidos acima na opinião de Laisné, tem sido sempre postos em prática no sistema de educação física do Colégio Americano, sistema que além dos cuidados higiênicos,

cuja falta numa casa destas é quase um crime, abrange os exercícios militares, os longos passeios, a ginástica metodicamente aprendida, e, em larga cópia, os jogos mais recomendados na educação corporal como a *barra*, o *piquete*, o *salta-carneiro*, o *round*, o *quadrado*, o *cavaleiro* ... e outros, para os quais se acha o Colégio convenientemente apetrechado, e que eu vi com imenso prazer bem aceitos da maior parte dos meus alunos.

Aulas de ginástica regulares, exercícios diários de ginástica higiênica, sem aparelhos, partidas de *cricket* e todos aqueles jogos, em muitos dos quais tomava parte ativa o distinto professor que há três anos dirige o ensino da ginástica nesta casa, passeios fora da cidade, uma regulamentação estritamente pedagógica das horas de trabalho e de recreio - são os meios postos em prática para dar aos alunos que lhes são confiados a educação física que o futuro da família, da pátria e da humanidade está reclamando com não menos impérios com que exigem a educação intelectual e moral.

... convencido que estou que, justamente no nosso país, onde um clima menos benigno debilita os organismo, mais imperiosa é a necessidade de prepararmos os nossos filhos para a luta de vida, não só guarnecendo-lhes o espírito e melhorando-se os sentimentos, mas, e principalmente, avigorando-lhe o corpo, em respeito do princípio da filosofia antiga corroborado e experimentalmente verificado pela ciência moderna: espírito são em corpo são (VERÍSSIMO, 1888, p. 30).

A preocupação com uma educação física promotora da saúde física e mental, regeneradora das virtudes e da moral revela o quanto o autor estava sintonizado com o pensamento médico-higienista da época, que em nome da “civilização”, do “progresso” e da “ciência” ditava normas de condutas de “bem viver”, contribuindo para a constituição de indivíduos saudáveis, úteis e disciplinados, para as funções específicas na produção.

Os argumentos utilizados por José Veríssimo para justificar a implantação da Educação Física no Colégio expressavam as preocupações das elites do país com a regeneração da raça, e com a saúde de homens e mulheres, vistos como sol-

dados da pátria. Refletem ainda, de certa forma, o próprio interesse do capital em definir precisamente papéis e funções a serem desempenhadas por homens e mulheres na sociedade.

Por outro lado, as ideias sobre os benefícios que a ginástica poderia trazer, no que tangia à formação de um corpo robusto, forte e sadio, eram provenientes de uma visão medicalizada da sociedade, desenvolvida pelos médicos-higienistas. Esse pensamento normativo, disciplinador, controlador e moral foi determinante nas primeiras sistematizações por que passou a ginástica no nosso país.

Não restam dúvidas de que essa ginástica funcional e fragmentada, marcada pelo viés higienista, constituía-se em mais um elemento de que as camadas dirigentes do país lançaram mão para a disseminação de normas morais disciplinadoras do consenso. Se a ela caberia esse controle moral na construção da ordem, a própria cientificidade que lhe foi conferida lhe dava também status. Esta ginástica científica, fundamentada nas ciências biológicas, recomendada praticamente pelos médicos do mundo inteiro, só servirá para reforçar o reducionismo biológico presente na sociedade, constituindo-se em poderoso canal de divulgação da moral burguesa.

Em nome do novo, do moderno, do científico, José Veríssimo procurou colocar a educação física, mais precisamente a ginástica, como um instrumental valioso e importante para o desenvolvimento de corpos saudáveis que atendessem às exigências das forças produtivas em expansão no país.

Considerações Finais

José Veríssimo defende em várias passagens dos escritos que compõem a sua obra, *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano*, que o único tipo de educação que intencionava oferecer no Colégio Americano era a científica, que possibilitasse aos alunos um contato direto com os objetos do conhecimento.

José Veríssimo, sintonizado com o movimento de renovação educacional de que foram palco a Europa e os Estados- Unidos na segunda metade do século XIX, buscou introduzir no Colégio Americano o que existia de mais moderno nesses países.

O método intuitivo, implantado por José Veríssimo no Colégio Americano, tinha como referência as discussões travadas nesses países. De acordo com esse método, o ensino devia partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato.

Durante os seis anos de funcionamento, o Colégio Americano foi frequentado por mais de mil alunos, provenientes da capital e do interior da Província do Pará e do Amazonas. No colégio, aprendia-se aritmética por meio do cálculo, geografia utilizando-se de mapas, globos e atlas, geometria a partir de figuras e ângulos, gramática “pela língua e não da língua pela gramática” (VERÍSSIMO, 1966, p.48).

Apesar do avanço que o método intuitivo representava à época, a formação integral, isto é, moral, intelectual e física proposta por José Veríssimo, no Colégio Americano, coadunava-se com as aspirações de controle da ordem social vigente, que primava pela disciplina e “dulcificação” das consciências.

Referências

CARTOLLANO, Maria Teresa Penteadó. *Benjamin Constant e a Instrução Pública no Início da República*. Tese (Doutorado em Filosofia e História da Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

SOARES, Carmen Lucia. *A Educação Física: Raízes Europeias e Brasil*. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

SPENCER, Herbert. *Educação intelectual, moral e física*. Rio de Janeiro, São Paulo, Recife: Laemert & C. Livreiros Editores, 1901.

VERÍSSIMO, José. *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano*. Belém, Pará: Tipografia de

Pinto Barbosa & C., 1888.

VERÍSSIMO, José Ignácio. *José Veríssimo visto por dentro*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França

Doutora em História, Filosofia e Educação pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: socorroavelino@hotmail.com

Recebido em 17/10/2009

Aprovado para publicação em 16/11/2009

